

MAIÊUTICA
URBANIDADES



CENTRO UNIVERSITÁRIO LEONARDO DA VINCI
Rodovia BR 470, Km 71, nº 1.040, Bairro Benedito
89084-405 - INDAIAL/SC
www.uniasselvi.com.br

REVISTA MAIÊUTICA

URBANIDADES

UNIASSELVI 2023

Presidente do Grupo UNIASSELVI
Prof. Pedro Jorge Guterres Quintans Graça

Reitor da UNIASSELVI
Prof. Hermínio Kloch

Pró-Reitor de Ensino de Graduação Presencial
Prof. Antônio Roberto Rodrigues Abatepaulo

Pró-Reitora de Ensino de Graduação a Distância
Prof.^a Francieli Stano Torres

Pró-Reitor Operacional de Graduação a Distância
Prof. Hermínio Kloch

Editor da Revista Maiêutica
Prof. Luis Augusto Ebert

Comissão Científica
Marcelo Danielski
Luis Augusto Ebert
Edilson Pereira
Naiane Schotero

Editoração e Diagramação
Equipe Produção de Materiais

Revisão Final
Equipe Produção de Materiais

Publicação *On-line*
Propriedade do Centro Universitário Leonardo da Vinci

Apresentação

A Revista Maiêutica Urbanidades com satisfação, apresenta a você artigos específicos das áreas de arquitetura, urbanismo e também relacionados às cidades inteligentes e sustentáveis. A concepção do conhecimento descrito nestes textos está associada à construção de instrumentos de forma coletiva, propiciando a interação dos atores pedagógicos que integram o nosso processo de ensino-aprendizagem. Estamos passando por uma era em que os avanços tecnológicos são imensuráveis e possuem uma velocidade inatingível. Cada vez mais, as tecnologias substituem o trabalho humano, deixando os processos industriais mais automatizados, mais rápidos e, a longo prazo, mais baratos. Tem-se como resultado da construção destes novos saberes a condição de contribuirmos para momentos de reflexão, de análise crítica, de constatações diante de realidades diversas, fatos ou teorias, processos e formas de gerar conhecimento e conceber projetos, gerando não somente respostas, mas igualmente novas perguntas que poderão nos conduzir a novas investigações. Compreender a relevância da produção destes textos acadêmicos significa reconhecer o papel dos profissionais nas áreas correlatas à revista, com habilidades e competências em suas áreas de atuação, na condição de agentes de transformação da sociedade em que se encontram inseridos. Perceber a realidade do mundo, analisar as diversas perspectivas de condução das ações e atividades de uma comunidade, colaborar para a solução de problemas, propor inovações são iniciativas que têm como fonte a organização e a disposição do conhecimento. Aproprie-se destes conteúdos, saiba mais, construa seu saber. Seja bem-vindo a um pedaço de nossa história da construção do conhecimento. Convidamos você a conhecê-la. Boa leitura!



SUMÁRIO

HISTÓRIA E TEORIA DA ARQUITETURA, URBANISMO E PAISAGISMO I: Apontamentos sobre a aplicação da disciplina no curso de Arquitetura e Urbanismo History and Theory of Architecture, Urbanism and Landscape I: notes about the subject in the Architecture and Urbanism academic course	
Marcelo Danielski ¹	7

HISTÓRIA E TEORIA DA ARQUITETURA, URBANISMO E PAISAGISMO I: Apontamentos sobre a aplicação da disciplina no curso de Arquitetura e Urbanismo

History and Theory of Architecture, Urbanism and Landscape I: notes about the subject in the Architecture and Urbanism academic course

Marcelo Danielski¹

Resumo: Este trabalho pretende relatar a experiência do docente em sala de aula, socializando aspectos sobre a aplicação da disciplina de História e Teoria da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo I no curso de Arquitetura e Urbanismo. Sua justificativa reside na importância de relatar como a disciplina é trabalhada com foco em perfil profissional específico, notadamente vinculada às origens do homem; Mesopotâmia e Egito; Pérsia, Índia, China e Japão; Creta e Micenas; Grécia e Roma; e arquitetura islâmica, conectando-a com habilidades e competências voltadas à formação de arquitetos e urbanistas. Assim, a produção acadêmica concentrou-se no desenvolvimento de análise crítica textual e de apresentação de estudo de caso em painel de formato A1, ambas em grupos. A primeira, sobre a utilização do conceito de cidade murada na atualidade, e a segunda, sobre edificações representativas dos temas abordados ao longo do semestre. Baseada na tipologia descritiva, o trabalho aborda procedimentos técnicos de caráter bibliográfico e documental no relato de ações voltadas ao processo de aquisição de conhecimento.

Palavras-chave: Mesopotâmia e Egito. Oriente. Grécia e Roma. Arquitetura Islâmica.

Abstract: This work intends to report the classroom experience, socializing aspects about the subject of History and Theory of Architecture, Urbanism and Landscape I in the Architecture and Urbanism academic course. Its justification is in the importance of conveying how the subject is focused on specific professional profile, notably linked to the human origin, Mesopotamia and Egypt; Persia, India, China and Japan, Crete and Mycenae; Greece and Rome; and Islamic architecture, connecting it to abilities and competences which are aimed to the formation of architects and urbanists. Thus, the academic production concentrated in the elaboration of authorial text (critical analysis) and presentation of case study in ISO A1 format panel, both in groups. First, about the walled city concept nowadays, and second, about representative buildings explored along the semester. Based on descriptive typology, the work presents technical procedures of bibliographic and documental character to show actions directed to the process of knowledge acquisition.

Keywords: Mesopotamia and Egypt. East Civilizations. Greece and Rome. Islamic Architecture.

Introdução

O relato a seguir envolve a experiência do docente em sala de aula, entre os anos de 2009 e 2017, período em que a disciplina foi ofertada na modalidade presencial. Ressalta-se que não cabe ao trabalho coletar e apresentar dados estatísticos, muito menos generalizar resultados, mas socializar as estratégias adotadas para alcançar os objetivos evidenciados em ementa da disciplina (FAMBLU, 2017b; FAVINCI, 2017b). Destaca-se que, por ser um relato de caráter descritivo, este trabalho não almeja um estudo profundo e exaustivo sobre metodologia de ensino, não avançando em soluções no processo de ensino-aprendizagem.

Com o intuito de tornar esse processo mais atraente, a disciplina foi trabalhada com foco no perfil profissional, avançando no entendimento da história da arquitetura, urbanismo e paisagismo, considerando cinco unidades: origens do homem (necessidade de proteção e abrigo, revoluções tecnológicas e processo de sedentarização); Mesopotâmia e Egito (fundamentos da arquitetura ocidental); Pérsia, Índia, China e Japão (arquitetura oriental); antecedentes e antiguidade clássica (Creta e Micenas, Grécia e Roma.); e arquitetura islâmica.

¹ Professor do Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI), em Indaial/ SC. marcelodanielski@yahoo.com

Quanto à aplicação da disciplina, as unidades 1, 2 e 3 foram trabalhadas no chamado 1º bimestre (FAMEBLU, 2017a; FAVINCI, 2017a).

Na unidade 1, as origens do homem, foi explorada a necessidade de proteção e abrigo, conceito de arquitetura: espaço, função, estrutura e beleza, revoluções tecnológicas, revolução agrícola, sedentarização do homem, revolução urbana e ascensão das cidades.

Na unidade 2, foram explorados os fundamentos da arquitetura ocidental, com a Mesopotâmia e Egito.

Na unidade 3, avançou-se na arquitetura oriental, com a Pérsia, Índia, China e Japão.

Ainda sobre a aplicação da disciplina, as unidades 4 e 5 foram trabalhadas no 2º bimestre (FAMEBLU, 2017a; FAVINCI, 2017a).

Na unidade 4, foram explorados os antecedentes da antiguidade clássica, com Creta e Micenas, e a própria antiguidade clássica, com Grécia e Roma.

E, na unidade 5, explorou-se a arquitetura islâmica.

Apesar de envolver aspectos que extrapolam o campo específico da arquitetura e urbanismo, como em origens do homem, pretende-se que sua aplicação seja específica, relacionando-a com as habilidades e competências voltadas à formação de arquitetos e urbanistas (FAMEBLU, 2017c; FAVINCI, 2017c).

Plano de ensino e metodologia de aula

No primeiro encontro, plano de ensino, cronograma, avaliações e frequência foram explorados em todo período de aula, além de informações adicionais sobre a disciplina. Essas informações, além de socializadas e projetadas em sala de aula, foram disponibilizadas em Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), podendo ser consultadas pelo acadêmico em qualquer momento do semestre.

O plano de ensino foi integralmente trabalhado em sala de aula, sendo explorada a ementa, objetivos, unidades de ensino, justificativa da disciplina, avaliação, metodologia, bibliografia básica e bibliografia complementar (FAMEBLU, 2017b; FAVINCI, 2017b).

Quanto à avaliação, a média semestral é composta por duas notas bimestrais, cada qual resultante de uma avaliação parcial e uma avaliação oficial. A avaliação parcial é de gerenciamento do professor, enquanto a avaliação oficial deve obedecer aos parâmetros estipulados pela instituição. Ou seja, o docente pode propor diferentes métodos avaliativos para compor a avaliação parcial.

No que se refere a esta disciplina, por opção do docente, foi utilizado o recurso de prova presencial, com desenvolvimento de análise crítica, para compor a avaliação parcial do 1º bimestre, e de prova não presencial, com apresentação de estudo de caso em painel de formato A1, para compor a avaliação parcial do 2º bimestre. Ambas avaliações foram em grupo, explorando as habilidades inerentes a esta condição (comunicação, liderança, negociar, planejar, raciocinar de forma lógica/ crítica/ analítica, relacionamento interpessoal, ser criativo, tomar decisão, trabalhar em equipe multidisciplinar) (FAMEBLU, 2017c; FAVINCI, 2017c).

Ainda no que se refere ao plano de ensino, destaca-se a metodologia de aula, dividida em três momentos distintos, de acordo com o modelo acadêmico proposto pela instituição: Pré-Aula, Aula, Pós-Aula (FAMEBLU, 2017c; FAVINCI, 2017c).

No momento Pré-Aula, proposta de atividade orientada baseada em leitura prévia de conteúdo a ser explorado em sala de aula.

No momento Aula, a estratégia utilizada basicamente se consolida através de aulas expositivas dialogadas, com o uso de projetor multimídia.

No momento Pós-Aula, proposta de atividade orientada baseada em leitura (releitura e/ou finalização de leitura definida em pré-aula) e disponibilização de perguntas/ reflexões que orientam o estudo para as avaliações.

1º bimestre

Como já comentado, no 1º bimestre foram estudados os principais aspectos referentes às origens do homem, ambientes natural e cultural (CAMPBELL, 1988; BRANCO, 2004), necessidade de abrigo e proteção (LEWIS, n.d.), revoluções tecnológicas, revolução agrícola, sedentarização do homem, revolução urbana e ascensão das cidades (CAMPBELL, 1988), conceito de arquitetura: espaço, função, estrutura e beleza (LEMOS, 1989; POLIÃO, 2007; PEIXER e BUDAG, 2009), além do surgimento das primeiras grandes civilizações: Mesopotâmia e Egito (MUMFORD, 1988; BENÉVOLO, 1997; GYMPEL, 2001; NORBERG SCHULZ, 2001; GLANCEY, 2007); Pérsia (COELHO, 2013), Índia (MOHENJO-DARO, n.d.), China e Japão (BENÉVOLO, 1997; LYNCH, 1999; GYMPEL, 2001; HOLMES, 2001; CARTER, 2011, CRISTÓVÃO, 2011).

Origens do homem

No que se refere às origens do homem, aspectos introdutórios à disciplina foram explorados em linha do tempo, conectando-a com idade da pedra, invenção da escrita, idade dos metais, avanços tecnológicos, entre outros. Além disso, trabalhou-se com ambientes natural e cultural (CAMPBELL, 1988; BRANCO, 2004), necessidade de abrigo e proteção (LEWIS, n.d.), do nomadismo (coleta de frutos, caça e pesca, utensílios primitivos, migrações e abrigo temporário) ao sedentarismo (domesticação de animais, utensílios avançados, cerâmica, tecelagem, fundição, especialização das atividades, irrigação e agricultura, armazenamento de alimentos, abrigo definitivo e surgimento da cidade) (CAMPBELL, 1988) e o conceito de arquitetura.

Sobre esse conceito, explorou-se a noção de espaço (transformação do habitat humano), função (finalidade da edificação), estrutura (materiais e sistemas construtivos, como o sistema trilitico) e beleza (forma e estética). Além disso, destacou-se o legado do romano Marco Vitruvius Polião, que no século I a.C. definiu o conceito de arquitetura através de três grandes sistemas: solidez, utilidade e beleza (LEMOS, 1989; POLIÃO, 2007; PEIXER e BUDAG, 2009).

Mesopotâmia e Egito

Ambas civilizações definiram os fundamentos da arquitetura ocidental. Sobre a Mesopotâmia e seus povos, que se estabeleceram entre os rios Tigre e Eufrates, destacaram-se os sumérios, babilônios e assírios. Dentre suas realizações, é atribuída aos sumérios a invenção da escrita, conhecida como cuneiforme, marco importante para os avanços tecnológicos.

Na Mesopotâmia, a edificação mais representativa era o zigurate (templo), com volumetria estabelecida pela sobreposição de platôs ou degraus, em que o material construtivo dominante era o tijolo de adobe, cozido sob ação do sol, adquirindo menos resistência e durabilidade que o tijolo seco em olaria. Isso explica porque poucos zigurates chegaram íntegros até a atualidade.

A típica cidade mesopotâmica era limitada por muralha, com acessos restritos e fortificados, além de grandes eixos definindo suas principais vias. Internamente, os quarteirões residenciais eram definidos por vias irregulares e estreitas, com moradias também construídas em adobe e organizadas a partir de pátios internos.

Além disso, era comum a existência de cidadela, definindo o centro político-administrativo, através do palácio do governante, e o centro religioso, através do zigurate dominante, em suas principais cidades. Esta cidadela também era limitada por muralha, intensificando ainda mais a noção de proteção e segurança, sendo configurada por volumes maciços, sem aberturas para o exterior, e com recintos também voltados para pátios internos (MUMFORD, 1988; BENÉVOLO, 1997; GYMPEL, 2001; NORBERG SCHULZ, 2001; GLANCEY, 2007).

No que se refere ao Egito, foi uma civilização que se desenvolveu ao longo do Rio Nilo. Dentre os valores dominantes, que permeiam o ideário desta civilização, estão a centralização de poder nas mãos do faraó, a escrita hieroglífica e a crença na vida após a morte, que praticamente orientou toda a arte egípcia, notadamente de contexto religioso e funerário. Assim, as edificações mais representativas dos antigos egípcios foram orientadas para o túmulo, construídas em pedra e em escala monumental.

Focada na arquitetura funerária, sua evolução passou por três estágios. O primeiro e mais antigo, foi definido pela mastaba, uma espécie de pirâmide primitiva, configurada por tronco piramidal. O segundo estágio, intermediário, foi definido pela pirâmide escalonada ou em degraus, configurada pela sobreposição de mastabas. E o terceiro e último estágio foi definido pelo volume piramidal pleno, representado pelas famosas três grandes pirâmides de Gizé, na periferia de Cairo, atual capital do Egito (MUMFORD, 1988; BENÉVOLO, 1997; GYMPEL, 2001; NORBERG SCHULZ, 2001; GLANCEY, 2007).

Sobre a configuração da típica cidade egípcia, aqui vale um paralelo com a civilização vista anteriormente. Enquanto na Mesopotâmia existia a noção de cidade fechada, delimitada por muralha, no Egito essa função era desempenhada pelo próprio deserto e montanhas, configurando a noção de cidade aberta, sem delimitação física, com os túmulos e templos dos faraós servindo como cidadelas para a vida após a morte (MUMFORD, 1998).

Nesse contexto, como exemplo de cidadelas egípcias, temos os complexos arquitetônicos vinculados aos templos de Luxor e de Karnak, localizados na atual cidade de Luxor, com eixos monumentais de entrada, acessos flanqueados por esfinges, grandes portões de entrada (pilones), sequência ordenada de pátios internos, salas de colunas (hipostilos) e ornamentação com obeliscos e estátuas em escala monumental.

No que se refere à arquitetura dos túmulos e templos dos faraós, construídos em pedra, é nítida a influência de motivos vegetais, notadamente na configuração das colunas, com acabamento superior (capitel) em forma de papiro aberto (campaniforme), papiro fechado (papiroforme), folhas de palmeiras (palmiforme) e flor de lótus (lotiforme) (LEWIS, n.d.).

Também merece destaque o templo da rainha-faraó Hatshepsut, implantado na base de montanha rochosa, nas proximidades de Luxor, em que seu eixo monumental de entrada, sem qualquer tipo de obstrução visual, gerou um amplo campo visual de aproximação e noção de perspectiva.

Pérsia, Índia, China e Japão

Sobre a Pérsia, mais precisamente em seu centro de origem, no atual Irã, foi explorada as ruínas da cidade de Persépolis, notadamente o complexo palaciano de seus governantes, conectado à noção de cidadela. Nesse complexo, formado pela adição de palácios construídos em pedra, merece destaque as colunas com acabamento superior (capitel) em formas zoomorfas, notadamente configurado por dois touros, em que suas cabeças se projetam para fora da coluna, e a Sala das 100 Colunas, um hipostilo de caráter monumental, utilizada como sala do trono e de audiência (COELHO, 2013).

Outra civilização explorada foi a do Vale do Rio Indo, região que atualmente engloba parte dos territórios do Paquistão e Índia, em que a cidade mais representativa foi Mohenjo-daro. Esta cidade era composta por duas áreas marcantes: a cidadela, situada em local elevado, fortificado e murado, e a cidade baixa, em área plana próxima ao rio Indo (MOHENJO-DARO, n.d.).

Era dentro da cidadela que se localizavam as principais edificações institucionais e de uso coletivo, como o palácio do governante, a moradia da nobreza, o salão da assembleia, o colégio, o granário (armazém de grãos), a grande piscina (banho) e a stupa (monastério budista, implantado após o apogeu desta civilização), entre outros, em que o material construtivo dominante era o tijolo de adobe.

Sobre a cidade baixa, os acessos eram organizados por vias retas e largas, com moradias populares organizadas ao redor de pátios centralizados. Estas moradias também eram construídas com tijolos de adobe e usualmente recobertas por uma camada de lama, proporcionando um aspecto monolítico e uniforme às edificações.

Em termos de hierarquia, os principais acessos eram mais largos, enquanto os acessos internos, mais próximos dos pátios, eram mais estreitos. Além disso, é importante destacar o sistema de abastecimento de água e de coleta de águas servidas que foi implantado na cidadela de Mohenjo-daro, com a construção de inúmeros poços d'água, plataformas de banho, latrinas e drenos, tanto superficiais como subterrâneos, que praticamente recortavam o subsolo deste assentamento humano (MOHENJO-DARO, n.d.).

Resquícios desse saber fazer ainda são observados, por exemplo, em moradias tradicionais da atual cidade de Harappa, no Paquistão. Paredes construídas com tijolos de adobe, recobertas por lama, poços d'água, latrinas e drenos à céu aberto são marcas distinguíveis dessa antiga civilização que ainda persistem na atualidade.

No que se refere à China, é importante destacar o modelo das antigas cidades chinesas, caracterizado por eixos de organização espacial, orientados pelos pontos cardeais, por dispositivos de organização através da hierarquia, pela simetria bilateral, pela grelha regular na configuração de vias e pelo fechamento e proteção dos limites da cidade, ou seja, pelo uso de muralha (LYNCH, 1999; DANIELSKI, 2020). Assim como em outras civilizações, a noção de cidade murada e de cidadela também foi explorada na China, inclusive com a fortificação do próprio palácio do governante, já situado no interior da cidadela (BENÉVOLO, 1997).

Um exemplo bastante representativo é Pequim, que no passado foi constituída por três linhas de muralhas. A primeira, definindo os limites da cidade de Pequim. A segunda, definindo os limites da Cidade Imperial, como foi chamada a área centralizada de Pequim, conectada à noção de cidadela. E a terceira, localizada internamente à segunda linha de muralha, definindo os limites da Cidade Proibida, como foi chamado o complexo palaciano do governante localizado no centro de Pequim.

Construída no século XV, a Cidade Proibida continua relevante no esquema cívico atual. Sua linha axial norte-sul permanece como o eixo orientador da contemporânea Pequim, sendo utilizado, por exemplo, para a implantação das principais instalações esportivas dos Jogos Olímpicos de 2008 (CARTER, 2011).

É importante destacar que as tradicionais edificações da Cidade Proibida, construídas em madeira e com as extremidades dos telhados cerâmicos curvados para cima, foram elaboradas sob influência das técnicas desenvolvidas pelo arquiteto Li Jie, compiladas em um tratado arquitetônico do início do século XII, que sistematizou o modo de construir chinês, relevante até a atualidade (GYMPEL, 2001).

Quanto ao Japão, vale lembrar que o modelo de cidades é similar ao chinês, explorado anteriormente. Um exemplo representativo é a cidade de Kyoto, antiga capital do Japão. Assim como em Pequim, no passado Kyoto também foi delimitada por muralha, com a noção de cidade definindo os limites da Cidade Imperial, composta pelo complexo palaciano do governante (BENÉVOLO, 1997).

A tradicional edificação japonesa, em madeira e com as extremidades dos telhados curvados para cima, tem em templos, notadamente budistas, os exemplares mais significativos. Além disso, vale destacar o Castelo Himeji, com características de arquitetura militar aliadas às tradicionais técnicas construtivas e elementos arquitetônicos japoneses.

Sobre os jardins japoneses, também chamados de orientais, vale explorá-los na Vila Imperial de Katsura Rikyu, em Kyoto, em que se destacam a utilização de plantas que mudam de coloração ao longo das estações; de lanternas tradicionais (iluminação) para intensificar a noção de espiritualidade e meditação; de lagos, riachos e pontes para representar a fluidez da vida; de areia, cascalho e pedras ornamentais para intensificar a noção de contemplação (FERREIRA, 2020). Além disso, destaca-se os jardins secos, com o uso de pedras ornamentais e conectados ao zen budismo, no Templo de Ryoan-ji e o no Templo Daisen-in, ambos em Kyoto (HOLMES, 2001; CRISTÓVÃO, 2011).

Vídeo do 1º bimestre

Como forma de revisitar o conteúdo explorado até o momento, trabalhou-se com o vídeo Stonehenge - Mistério na Pré-história (STONEHENGE, 2008), com cerca de 49 minutos de duração, sobre sua construção e finalidade. Este vídeo reforçou alguns aspectos trabalhados em sala de aula, como o sistema trilítico, materiais construtivos, avanços tecnológicos e processo de sedentarização do homem. Após o vídeo, com reflexão em nível coletivo e procurando envolver todos os acadêmicos, avançou-se para a avaliação parcial do 1º bimestre.

Avaliação parcial do 1º bimestre

A parcial 1 foi desenvolvida através de prova presencial, em grupo, sobre tema trabalhado em sala de aula e em leitura complementar até o momento da avaliação. Cada grupo desenvolveu texto de autoria própria (análise crítica), com possibilidade de consulta às anotações pessoais em caderno e aos textos de leitura obrigatória, sendo avaliada sua capacidade de contextualizar, analisar e criticar. Assim, os acadêmicos desenvolveram texto a partir do seguinte contexto:

Considerem que vocês estão formados, trabalhando em um grande escritório de arquitetura, de renome internacional, com vários clientes ao redor do mundo. Além disto, considerem a hipótese de que um cliente multibilionário contratou o serviço especializado de vocês para planejar/ projetar uma cidade, sem limite de orçamento para o desenvolvimento de projeto e de execução de obra. Ou seja, o grupo teria ampla liberdade para propor o que quiser! Partindo do princípio que o grupo teria liberdade criativa e imaginativa de explorar qualquer aspecto conceitual, vocês utilizariam o ideal de “cidade murada” em um projeto atual? Por quê? Lembrem que o conceito de cidade murada nos remete a uma das principais características das cidades da antiga Mesopotâmia, evidenciando um forte sentido de proteção, delimitando fisicamente o ambiente aberto (exterior) do ambiente fechado (interior) da cidade.

Nessa avaliação, o importante para o docente foi a capacidade de argumentação de cada equipe, em resposta de cunho autoral com, no mínimo, uma página e meia de texto. Esta avaliação gerou discussão entre os integrantes, principalmente no que se refere ao uso de elementos arquitetônicos que definem a noção de limite (LYNCH, 1990), exercitando habilidades importantes para a formação profissional do arquiteto, especialmente o relacionamento interpessoal e o trabalho em equipe.

Avaliação oficial do 1º bimestre

No que se refere à avaliação oficial 1, esta foi aplicada de forma presencial, individual e sem consulta, englobando questões objetivas, podendo ser de múltipla escolha, análise de sentenças, verdadeiro ou falso, além de questões discursivas, procurando apresentar ao acadêmico uma realidade de avaliação comumente explorada em concursos públicos e ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes). Desse modo, a finalização do 1º bimestre ocorreu com esta avaliação (FAMEBLU, 2017a e 2017b; FAVINCI, 2017a e 2017b).

2º bimestre

No 2º bimestre, como evidenciado anteriormente, foram trabalhados os antecedentes da antiguidade clássica, com Creta e Micenas (GIORDANI, 2018a e 2018b), e a antiguidade clássica em si, com Grécia e Roma (MUMFORD, 1988; BENÉVOLO, 1997; ROBERTSON, 1997; STIERLIN, 1997; ARGAN, 1998; STEVENSON, 1998; GYMPEL, 2001; NORBERG SCHULZ, 2001; PEVSNER, 2002; ZEVI, 2002; SUMMERSON, 2006; GLANCEY, 2007), além da arquitetura islâmica (GANIS, 2011; PEREZ, 2019).

Creta e Micenas

No que se refere às civilizações cretense e micênica, ambas foram importantes para a ascensão da antiguidade clássica, notadamente da Grécia.

Creta, devido sua posição estratégica e íntima relação com o mar, manteve contato com diferentes civilizações ao longo do mar Mediterrâneo, influenciando o desenvolvimento da Grécia continental.

Dentre os principais traços religiosos dos cretenses, que influenciaram sua arquitetura, destacaram-se a tendência à ausência de templos, já que os deuses eram cultuados em qualquer lugar, inclusive ao ar livre, e o fetiche por elementos da natureza, como o culto à pedra, considerada sagrada, que mais tarde seria lapidada e transformada em elemento arquitetônico, com a ascensão da coluna ornamentada.

O principal exemplar da arquitetura cretense é o Palácio de Cnossos, com sua organização espacial se desenvolvendo a partir de um grande pátio central, com menor preocupação com unidade e simetria. Caracterizado pela justaposição de recintos em pedra, conectados entre si por corredores, este complexo arquitetônico foi adaptado à topografia, em desnível que gerou a configuração de até 4 pavimentos, com vastas escadarias e pórticos em seus acessos (GIORDANI, 2018b).

A coluna egéia, com o diâmetro de base menor que o de coroamento, configurando um tronco de cone invertido, foi elemento arquitetônico expressivo desta civilização, amplamente utilizada em corredores, escadarias e pórticos, proporcionando uma arquitetura mais vazada, mais aberta, com arejamento adequado dos recintos palacianos, em conformidade com as condições climáticas mediterrâneas.

Outro traço da cultura cretense está relacionado aos afrescos, técnica de pintura desenvolvida sobre paredes internas recobertas com argamassa que, ainda úmida, recebia cores que penetravam no material antes que a superfície secasse. Assim, grandes afrescos ornamentaram o interior do Palácio de Cnossos, procurando retratar os valores de vida desta civilização: alegre, apreciadora de divertimentos como reuniões, teatros, danças (de caráter religioso), músicas, corridas de touros (o touro era um animal sagrado) e de jogos (esportes), sendo uma das precursoras do culto ao corpo. Emprego da linha curva (sinuosa), corpos femininos em movimento, uso de cores vibrantes e animais marinhos eram marcas presentes nos afrescos cretenses.

A civilização micênica, por sua vez, foi a principal herdeira da cultura cretense. A cidade-estado de Micenas, que dominou ampla área em seu entorno, na Grécia continental, ocupava a parte mais alta de uma colina escarpada, protegida pela topografia acidentada e por cursos d'água que aumentavam ainda mais suas defesas naturais.

Destaque para a cidadela de Micenas, protegida por muralha, localizada em encosta íngreme e com acessos restritos, como pela Porta dos Leões. O palácio do governante era sua principal edificação, com destaque para o mégaron, um recinto sagrado precedido por pórtico e com teto em madeira. Dentro de um círculo, assentado entre quatro colunas centralizadas deste recinto, localizava-se o fogo sagrado, importante para a conexão dos micênicos com seus antepassados (GIORDANI, 2018a).

Foi a partir da evolução do mégaron, com o alongamento da edificação, disposição sobre pódio, repartição do espaço interno e perímetro demarcado por colunata, que mais tarde ascendeu o templo grego clássico, com as colunas e capitéis definindo as famosas 3 ordens arquitetônicas: dórica, jônica e coríntia.

Grécia

Sobre a Grécia Antiga, faz-se necessário destacar a cidade de Atenas, com dois elementos principais distinguíveis, acrópole e ágora, que também são observados em outras cidades gregas.

Acrópole, que significa cidade alta, é um complexo arquitetônico que, assim como uma cidadela fortificada, foi construído no topo de uma colina com cerca de 150 metros de altura, funcionando como sede religiosa de Atenas. É nesta acrópole que estão o Partenon e o Erectéion, dois dos mais famosos templos da antiguidade clássica.

Próximo à base da acrópole, em nível inferior, foi construída a ágora, principal praça da cidade, com edificações de caráter público definindo seus limites. Era na ágora que ocorriam as manifestações de opinião, as festividades, as discussões políticas e os tribunais populares, configurando um espaço de cidadania, símbolo da democracia ateniense.

Dentre as edificações em seus limites, vale destacar a stoa de Átalo que, mesmo construída tardiamente, após o apogeu de Atenas, consistia em um grande corredor coberto, funcionando como uma espécie de passarela, uma praça coberta, destinado ao uso público como local de encontro, de manifestações, de comércio e de proteção do sol e chuva.

Prezando a vida ao ar livre e a noção de coletividade, os espaços públicos gregos foram construídos na medida do homem, nem muito grandes e nem muito pequenos, de acordo com a escala de suas cidades. Apesar de constituírem cidades independentes, dentro do preceito de cidades-estados, o que as unia era o senso de coletividade, de evidência do público em detrimento do privado, de patriotismo, de proximidade entre seus habitantes, refletindo-se em um tamanho ideal de suas cidades. Assim, quando suas cidades cresciam demais, como recurso de autocontrole, fundavam colônias gregas ao longo do mar Mediterrâneo, como no sul da Itália (BENÉVOLO, 1997).

No que se refere à Grécia, é importante destacar o modelo adotado nas colônias gregas, caracterizado por divisão equitativa do espaço, unidades ilimitadas, disposição em grelha, formas lineares, padrão geométrico próximo ao retangular e crescimento mecânico, por adição (LYNCH, 1999; DANIELSKI, 2020).

Já as cidades gregas mais antigas, como Atenas e Delfos, não obedeciam a configuração em grelha, adaptando-se ao terreno sem a rigidez formal necessária às colônias. Na área intramuros de Atenas, suas principais vias se encontravam em ângulos não ortogonais, em uma disposição mais orgânica. Em casos extremos, como em Delfos, a cidade foi implantada em terreno extremamente acidentado, em busca de harmonia com a natureza, com destaque para a implantação do templo, teatro e estádio em pequenos platôs ou degraus, adaptando as edifica-

ções à topografia. Diante da escolha do terreno acidentado, as vias foram implantadas seguindo as curvas de nível, evidenciando rampas de maior comprimento e de menor declividade para vencer grandes alturas (MUMFORD, 1988; BENÉVOLO, 1997).

Em sua produção arquitetônica, os preceitos humanistas dos antigos gregos são observáveis nas cariátides, colunas com formas femininas que, por exemplo, dominam parcela exterior do Erectéion, templo localizado na acrópole de Atenas.

Sobre os templos, é importante destacar que esta edificação foi a mais representativa da Grécia Antiga. Sua tipologia foi definida pelo uso predominante da linha reta, planta retangular disposta sobre pódio, perímetro demarcado por colunata, sistema trilitico de sustentação (dois elementos verticais e um horizontal), pedra como material construtivo, frontão definindo dois planos de cobertura e espaço interno reduzido, usualmente restritos aos sacerdotes (STEVENSON, 1998; GYMPEL, 2001; NORBERG SCHULZ, 2001, PEVSNER, 2002; GLANCEY, 2007).

O próprio uso sequencial de colunas, elemento arquitetônico determinante das ordens clássicas, não permitia saber onde ficava sua entrada, declarando que seu interior importava menos que seu exterior. A homogeneidade exterior, em conformidade com a prezada vida ao ar livre dos antigos gregos, evidencia uma edificação para ser apreciada de fora, como se fosse um corpo esculpido, uma escultura (PEVSNER, 2002).

Sobre as ordens arquitetônicas, dórica, jônica e coríntia, tiveram seu uso intimamente relacionado aos templos (ROBERTSON, 1997; SUMMERSON, 2006).

A ordem dórica é distinguível pela coluna sem base e pela simplicidade do capitel que, em perfil, é basicamente composto por linhas retas. É a mais antiga das três ordens. Esta ordem teve ascensão fortemente atrelada à cidade de Esparta, fundada pelos aguerridos e austeros dórios, com tendência de uso em templos de divindades masculinas.

A ordem jônica é distinguível pela coluna com base e pelo capitel composto por duas volutas ou espirais. Por ser mais esbelta que a coluna dórica, evidencia maior fluidez e leveza. Esta ordem teve ascensão fortemente vinculada à cidade de Atenas, com tendência de uso em templos de divindades femininas.

Já a ordem coríntia é distinguível pela coluna com base e pela volumetria do capitel em sino invertido, composto por folhas de acanto curvadas para fora. Por sua vez, é mais esbelta que a coluna jônica, expressando maior elegância e encanto, luxo e poder. Esta ordem teve sua ascensão conectada à cidade de Coríntio, da qual recebeu o nome. É a mais jovem das três ordens, sendo muito apreciada pelos romanos, que a utilizaram intensamente em seu vasto império.

Roma

O sentido prático e realista da vida foi a característica dominante dos antigos romanos, o que acabou por contagiar, inclusive, sua arquitetura. Da vizinha Etrúria e da conquistada Grécia absorveram os elementos que mais bem se adaptavam às suas necessidades, consolidando-os em edificações marcantes e originais, onde se fundem os aspectos utilitário e funcional.

Sobre Roma, é possível fazer uma analogia frente aos conquistados gregos, notadamente os atenienses. O monte Capitolino (Capitólio) estava para os antigos romanos assim como a acrópole estava para os atenienses. Era sobre este monte que se localizava sua sede religiosa e militar, praticamente configurando a noção de cidadela. E, do mesmo modo, o fórum estava para os romanos assim como a ágora estava para os antigos atenienses.

Localizado próximo à base do Capitolino, o fórum era considerado o centro de Roma, com mercado, comércio, local de reunião, encontro, discussões populares, com os principais edifícios públicos dispostos nas proximidades. Dentre eles, as basílicas Emília e Júlia, ambas de caráter civil, tipologia esta que se perpetuou na arquitetura cristã.

Assim como a stoa de Átalo era uma espécie de praça coberta para os atenienses, estas duas basílicas tiveram uso semelhante para os romanos, servindo como local de encontro e reunião para atividades administrativas, políticas, jurídicas e até comerciais.

Diferentemente de Atenas, que foi construída na medida do homem, nem muito grande e nem muito pequena, Roma extrapolou essa noção de escala. Se Atenas abrigou cerca de 50.000 habitantes em seu apogeu, Roma chegou ao 1.000.000 de habitantes no início da era cristã (BENÉVOLO, 1997). Assim, como reflexo da diferença de escalas, os principais edifícios públicos de Roma foram construídos para abrigar uma maior quantidade de usuários, em consonância com os números grandiosos de seu império.

No que se refere a Roma, é importante destacar o modelo adotado nas colônias romanas, muitas delas oriundas de acampamentos do exército romano, caracterizado pela disposição em grelha (LYNCH, 1999). Essa grelha era formada a partir do alinhamento de duas vias principais, de orientação norte-sul (cardo) e de orientação leste-oeste (decumano), que se cruzavam em ângulo reto, demarcando a praça (fórum) do assentamento humano (MUMFORD, 1988; BENÉVOLO, 1997).

Já Roma não obedecia a configuração em grelha, adaptando-se ao terreno sem a rigidez formal necessária às colônias. Na área intramuros de Roma, suas principais vias se encontravam em ângulos não ortogonais, em uma disposição menos rígida e mais orgânica.

Em sua produção arquitetônica, destacaram-se os edifícios públicos, como as basílicas, os templos, as termas, os anfiteatros, os teatros e os circos, com a construção de espaços internos grandiosos para atender as necessidades de um número cada vez maior de usuários, de acordo com a escala de Roma (STIERLIN, 1997, ARGAN, 1998; STEVENSON, 1998; GYMPEL, 2001; NORBERG SCHULZ, 2001; PEVSNER, 2002; ZEVI, 2002; GLANCEY, 2007).

E, para concebê-los, não cabia mais a solução adotada em templos gregos, baseada no sistema trilitico, com o uso de colunas e arquivoltas (elementos retilíneos). Para configurar ambientes, utilizaram arcos, abóbodas e cúpulas (elementos curvilíneos) que, aliados a uma versão primitiva de concreto, proporcionaram grandes vazios enclausurados, com grandes vãos (distanciamento entre suportes verticais), muito superiores aos utilizados pelos gregos (STIERLIN, 1997).

O principal exemplo é o Panteão, templo com nítida influência grega em sua parte frontal (colunas, arquivoltas, sistema trilitico, elementos retilíneos, frontões), mas com a marca da originalidade romana na parte dos fundos, com planta baixa circular, paredes autoportantes e cúpula com óculo (abertura) zenital, proporcionando um imenso vão de cerca de 43 metros.

No Coliseu também é possível observar a influência grega, através do uso das ordens arquitetônicas. Em cada nível da arcada externa é utilizada uma ordem arquitetônica, com as três ordens (dórica, jônica e coríntia) em uma única edificação, diferentemente do uso de ordem única proposto pelos gregos (ROBERTSON, 1997; SUMMERSON, 2006).

No âmbito residencial urbano, é importante destacar duas tipologias. A moradia unifamiliar disposta em blocos (insulae), para a plebe, e a moradia unifamiliar térrea (domus), organizada a partir de pátio interno, com a difusão de jardim interno, para os abastados.

Apesar de inspirado em ideais clássicos, mas que viriam a se consolidar mais tarde, com o Renascimento, já é válido citar os jardins italianos, marcados pela utilização de espécies vegetais mediterrâneas; chafarizes e corpos d'água; estátuas humanas, colunas ao ar livre e balaustrades, que são pequenas colunas que servem como cerca e delimitação de caminhos, além de locais de descanso e proteção ao sol (FERREIRA, 2020).

Além de edificações, a escala e o alcance de Roma exigiram uma infraestrutura urbana mais rigorosa, com estradas, pontes, aquedutos, sistemas de esgoto e drenagem, além de colunas e arcos comemorativos para enaltecer os feitos de seus governantes (STIERLIN, 1997; ARGAN, 1998; STEVENSON, 1998; GYMPEL, 2001; NORBERG SCHULZ, 2001; PEVSNER, 2002; ZEVI, 2002; GLANCEY, 2007).

Assim, é na evolução dos espaços interiores e na interação com o exterior, em nível de ordenamento urbano, que os romanos se destacaram (STIERLIN, 1997).

Arquitetura islâmica

É importante evidenciar que a típica cidade islâmica foi delimitada por muralha, com fortificação interna e traçado irregular, de disposição orgânica, proporcionando mais áreas sombreadas frente ao rigor do calor. Não possuía praça relevante, como a ágora grega e o fórum romano, com mercado e mesquita funcionando como principais locais de encontro (PEREZ, 2019).

Na arquitetura, os islâmicos se notabilizaram pelo uso de cúpulas (domos) e de arcos em forma de ferradura em suas edificações mais representativas, notadamente em seus palácios, como o Alcázar de Alhambra, em Granada, na Espanha, e em suas inúmeras mesquitas mundo afora.

Mihrab é o elemento arquitetônico mais importante em qualquer mesquita, uma espécie de nicho semicircular em parede que indica a direção (qibla) de Mecca, na Arábia Saudita, e que deve ser observada pelos muçulmanos ao rezar. Ainda sobre as mesquitas, é comum a presença de minarete, torre em que são anunciadas as cinco rezas diárias, e pátio interno, onde se localiza a fonte d'água, que tem a finalidade de purificação simbólica do corpo e da alma, importante para o muçulmano antes de suas preces.

Além disso, aversão à representação do ser humano em sua arte; utilização de formas geométricas e de elementos florais na constituição de, principalmente, espaços internos; íntima relação entre a caligrafia e arquitetura, com superfícies inteiramente recobertas por versos religiosos, são aspectos marcantes da arquitetura islâmica (GANIS, 2011).

Apesar de se consolidar mais tarde, aqui já vale citar o jardim árabe que, usualmente vinculado a áreas com déficit hídrico, destaca-se pela utilização de formas geométricas, fontes d'água e de arabescos e arcos tradicionais na configuração de ambientes, intimamente conectados à arquitetura islâmica (FERREIRA, 2020).

Vídeo do 2º bimestre

Para finalizar a parte teórica, trabalhou-se com dois vídeos em sala de aula, avançando na reflexão sobre a arquitetura da antiguidade clássica.

No vídeo Segredos do Partenon (SEGREDOS, 2008), com cerca de 52 minutos, foi explorada a arquitetura grega, com destaque para o templo Partenon, localizado na acrópole de Atenas.

Quanto ao vídeo Segredos de Civilizações Perdidas: Coliseu de Roma (SEGREDOS, 1996), com cerca de 49 minutos, foi explorada a arquitetura romana, com destaque para o Coliseu, principal anfiteatro de Roma.

Após os vídeos, com reflexão em nível coletivo e procurando envolver todos os acadêmicos, avançou-se para a avaliação parcial do 2º bimestre.

Avaliação parcial do 2º bimestre

A parcial 2, em equipe, foi uma prova não presencial, com apresentação de estudo de caso em apenas um painel no formato A1 (594 x 841 mm), com margens e selo (legenda) de acordo com as normas da ABNT.

Por estudo de caso, entende-se como a contextualização, análise e crítica de obras e projetos significativos relacionados a um determinado tema arquitetônico, de maneira a explorar e reconhecer as decisões adotadas pelos autores, chegando à compreensão da composição arquitetônica (forma, função, estrutura, tecnologia etc.) e ao estabelecimento de um repertório de possibilidades relacionadas a determinado tema. Daí ascende a sua importância, auxiliando na compreensão das decisões tomadas pelo projetista e do estudo de caso como parte de um raciocínio teórico (BOAVENTURA, 2012; DANIELSKI, 2019).

Assim, o estudo de caso auxilia no desenvolvimento de um repertório de possibilidades e, conseqüentemente, da criatividade do acadêmico. A compreensão daquilo que já foi projetado no passado e presente, através do estudo de caso, é fundamental para avançar em termos de proposta arquitetônica.

Dentro desse contexto, cada equipe desenvolveu conteúdo em único painel de formato A1, com escolha do tema definido por sorteio.

Como critérios de avaliação, considerou-se a capacidade de contextualizar, analisar e criticar edificação previamente definida pelo docente, considerando suas características arquitetônicas (aspectos físicos, organização da forma e do espaço, cor, materiais construtivos, técnicas construtivas, planta baixa/ corte/ fachada, imagens etc.), além da formatação e programação visual do painel.

Desse modo, o docente definiu 9 temas que foram explorados nos painéis, relacionando-os com as unidades da ementa da disciplina: Mesopotâmia, Egito, China, Japão, Creta, Micenas, Grécia, Roma e arquitetura islâmica, o que gerou 9 equipes. A formação das equipes foi espontânea, sem a participação do docente. Com as equipes formadas, a escolha do tema e, conseqüentemente, da edificação ocorreu por sorteio.

Conforme as equipes eram sorteadas, cada qual escolhia o tema a ser trabalhado em estudo de caso, dentre o montante de 9 possibilidades definidas pelo docente.

A definição das edificações considerou a importância e representatividade dentro do tema, conforme verificado em manuais de história da arquitetura. Assim, os temas e edificações disponibilizados foram os seguintes:

- Mesopotâmia: os Jardins Suspensos da Babilônia, na Mesopotâmia (Iraque).
- Egito: o templo de Medinet Habu, em Luxor (Egito).
- China: a Grande Muralha, no norte da China.
- Japão: o castelo de Himeji, em Himeji (Japão).
- Creta: o palácio de Cnossos, em Creta (Grécia).
- Micenas: o túmulo Tesouro de Atreu, em Micenas (Grécia).
- Grécia: o templo de Hefesto, em Atenas (Grécia).
- Roma: as termas de Caracalla, em Roma (Itália).
- Arquitetura islâmica: o mausoléu Taj Mahal, em Agra (Índia).

Independente do tema e edificação, o importante para o docente foi o desenvolvimento da capacidade de contextualizar, analisar e criticar, exercitando habilidades importantes para a formação profissional.

Os painéis foram expostos em sala de aula, no momento da entrega ao docente, socializando a produção acadêmica. Após levantamento fotográfico, este material foi disponibilizado em Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), servindo como referência de estudo para a realização da avaliação oficial 2.

Avaliação oficial do 2º bimestre

No que se refere à avaliação oficial 2, esta foi aplicada de forma presencial, individual e sem consulta, englobando questões objetivas, podendo ser de múltipla escolha, análise de sentenças, verdadeiro ou falso, além de questões discursivas, procurando apresentar ao acadêmico uma realidade de avaliação comumente explorada em concursos públicos e ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes). Desse modo, a finalização do 2º bimestre ocorreu com esta avaliação (FAMEBLU, 2017a e 2017b; FAVINCI, 2017a e 2017b).

Considerações finais

Diante da proposta em aplicar a disciplina com foco em habilidades e competências voltadas ao perfil profissional, principalmente nas avaliações parciais 1 e 2, ambas em equipe, considerou-se que os resultados alcançaram as expectativas do docente. Além da análise crítica, com ênfase no primeiro bimestre, e do estudo de caso, com ênfase no segundo bimestre, o docente optou em intensificar as relações sociais entre os acadêmicos no momento aula, priorizando as atividades presenciais na instituição.

Isto pôde ser observado na produção acadêmica relativa à avaliação parcial 1 (análise crítica envolvendo o conceito de cidade murada na atualidade) e à avaliação parcial 2 (estudo de caso envolvendo os temas trabalhados ao longo do semestre, com apresentação em único painel de formato A1), possibilitando que o acadêmico desenvolvesse o poder de argumentação, consenso e síntese.

Ou seja, com estas avaliações em grupo, além das reflexões oriundas dos vídeos trabalhados em sala de aula, pretendeu-se que o ato de socializar, de trocar informações entre seus pares, extrapolasse a condição de avaliação, almejando uma situação comumente observada na rotina profissional de arquiteto e urbanista: trabalho em equipe.

Referências

ARGAN, G. C. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BENÉVOLO, L. **História da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BOAVENTURA, D. M. R. **Análise dos projetos: arquitetônico/ urbano**. Guia para estudo do projeto e estudos de caso. Slides da disciplina Teoria e História da Arquitetura V. Aula de 05 set. 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/9333326-05-09-12-analise-dos-projetos-arquitetonico-urbano-guia-para-estudo-do-projeto-e-estudos-de-caso.html>. Acesso em: 31 ago. 2022.

BRANCO, S. M. **O meio ambiente em debate**. São Paulo: Moderna, 2004.

CAMPBELL, B. **Ecologia humana**. Lisboa: Edições 70, 1983.

CARTER, J. **Beijing urban planning issues**. 29 jan. 2011. Disponível em: http://pt.slideshare.net/qiaokate/beijing-6744510-?qid=615cd10e-bfad4-aba9783-8-cc7bb69410fv-v-q1fvb-v-from_search-3. Acesso em: 31 ago. 2022.

COELHO, G. **Mesopotâmia: a arquitetura da Suméria à Babilônia e a dominação persa**. 7 nov. 2013. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/GlauciCoelho/aula-7-arte-e-arquitetura-mesopotmia-revisado-em-121013>. Acesso em: 31 ago. 2022.

CRISTÓVÃO, C. **Extremo oriente**. 15 jun. 2011. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/ClaudioCristovao/10-extremo-oriente>. Acesso em: 31 ago. 2022.

DANIELSKI, M. Introdução ao projeto de arquitetura e urbanismo: apontamentos sobre a aplicação da disciplina no curso de arquitetura e urbanismo. **Maiêutica Urbanidades**, Indaial, v. 3, n. 1, p. 21-33, 2019. Disponível em: <http://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/URB/article/view/2024/952>. Acesso em: 31 ago. 2022.

DANIELSKI, M. Teoria do urbanismo: apontamentos sobre a aplicação da disciplina no curso de arquitetura e urbanismo. **Maiêutica Urbanidades**, Indaial, v. 4, n. 1, p. 33-53, 2020. Disponível em: <http://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/URB/article/view/2066/972>. Acesso em: 31 ago. 2022.

FAMEBLU - Faculdade Metropolitana de Blumenau. Curso de bacharelado em arquitetura e urbanismo. **Cronograma da disciplina de História e Teoria da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo I**. Blumenau. 2. sem. 2017a.

_____. Curso de bacharelado em arquitetura e urbanismo. **Plano de ensino da disciplina de História e Teoria da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo I**. Blumenau. 2. sem. 2017b.

_____. Curso de bacharelado em arquitetura e urbanismo. Núcleo docente estruturante - NDE. **Projeto pedagógico do curso - PPC**. Blumenau. 2. sem. 2017c.

FAVINCI - Faculdade Leonardo da Vinci - Santa Catarina. Curso de bacharelado em arquitetura e urbanismo. **Cronograma da disciplina de História e Teoria da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo I**. Timbó. 2. sem. 2017a.

_____. Curso de bacharelado em arquitetura e urbanismo. **Plano de ensino da disciplina de História e Teoria da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo I**. Timbó. 2. sem. 2017b.

_____. Curso de bacharelado em arquitetura e urbanismo. Núcleo docente estruturante - NDE. **Projeto pedagógico do curso - PPC**. Timbó. 2. sem. 2017c.

FERREIRA, T. C. **Paisagismo**. Indaial: Uniasselvi, 2020.

GANIS, W. V. Denver School of the Arts. **Islamic Art**. Denver. 12 mar. 2011. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/LouiseClemmer/islamic-art-7243397>. Acesso em: 31 ago. 2022.

GIORDANI, M. C. **Arte micênica**. 15 jul. 2018a. Disponível em: <https://cutt.ly/C8JgumN>

GIORDANI, M. C. **O Palácio de Knossos**. 15 jul. 2018b. Disponível em: <https://cutt.ly/38Jgsc8>

GLANCEY, J. **A história da arquitetura**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GYMPEL, J. **História da arquitetura**. Da antiguidade aos nossos dias. Alemanha: Könnemann, 2001.

HOLMES, C. **Icons of Garden Design**. London: Prestel, 2001.

LEMOS, C. A. C. **O que é arquitetura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LEWIS, M. **Illustrated lectures**. Disponível em: <https://www.mileslewis.net/illustrated-contents/>. Acesso em: 31 ago. 2022.

LYNCH, K. **A boa forma da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1999.

MOHENJO-DARO. **An ancient Indus valley metropolis**. Disponível em: <https://www.harappa.com/mohenjo-daro/mohenjodaroessay.html>. Acesso em: 31 ago. 2022.

MUMFORD, L. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NORBERG SCHULZ, C. **Arquitetura ocidental**. 4. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

PEIXER, K. T.; BUDAG, L. **Arquitetura**. Indaial: Uniasselvi, 2009.

PEREZ, T. Historia del arte. **El urbanismo islámico: apuntes sobre urbanismo islámico**. 11 dez. 2019. Disponível em: <http://tom-historiadelararte.blogspot.com.br/2012/11/el-urbanismo-islamico.html>. Acesso em: 31 ago. 2022.

PEVSNER, N. **Panorama da arquitetura ocidental**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

POLIÃO, M. V. **Tratado de arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ROBERTSON, D. S. **Arquitetura grega e romana**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SEGREDOS de civilizações perdidas. Coliseu de Roma. Londres: BBC, 1996. 49 min. 1 DVD.

SEGREDOS do Partenon. Direção de Michael Beckham. Boston: WGBH Educacional Foundation, 2008. 52 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g3oEyWGivkE>. Acesso em: 31 ago. 2022.

STEVENSON, N. **Para entender a arquitetura**. São Paulo: Ática, 1998.

STIERLIN, H. **O império romano: dos etruscos ao declínio do império romano**. Colônia: Taschen, 1997.

STONEHENGE - Mistério na Pré-história. Direção de Christopher Spencer. Londres: Change Productions, 2008. 49 min. Disponível em: <https://www.dailymotion.com/video/x2epzfa>. Acesso em: 31 ago. 2022.

SUMMERSON, J. **A linguagem clássica da arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.